



Sociedade Brasileira de História da Medicina

Jornal Brasileiro de História da Medicina

ISSN 1516-0386

2026/1



4, 5 e 6 de novembro de 2026

2026 - Número 24



Sociedade Brasileira de
História da Medicina

DIRETORIA

Presidente:

Daniel Pinheiro Hernandez (RJ)

Vice-presidente:

Lybio Martire Júnior (SP)

Secretário Geral:

Giovanni Roncali Caixeta Ribeiro
(MG)

Primeiro secretário:

Jorge Abib Cury (RS)

Tesoureiro:

Luiz Ayrton Santos Júnior (PI)

Bibliotecário:

Antônio Braga Neto (RJ)

SEDE OFICIAL:

**Museu Histórico "Prof. Carlos da
Silva Lacaz", localizado na
Faculdade de Medicina da USP.**

SEDE DA PRESIDÊNCIA ATUAL:

**Centro Universitário Serra dos
Órgãos (UNIFESO), em
Teresópolis (RJ).**



Sociedade Brasileira de História da Medicina

**Jornal Brasileiro de
História da Medicina**

ISSN 1516-0386

EDITORIAL

Esta edição marca a reativação do Jornal Brasileiro de História da Medicina (JBHM), importante instrumento de divulgação da História da Medicina em nosso país.

Este volume traz notícias sobre o XXX Congresso Brasileiro de História da Medicina e a XIV Jornada do GHM, que ocorrerão nos dias 4, 5 e 6 de novembro, no Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO), em Teresópolis-RJ, sede da atual presidência da Sociedade Brasileira de História da Medicina. O JBHM reafirma, então, sua vocação de incentivar e divulgar iniciativas voltadas ao estudo e à preservação da memória da Medicina.

Destacam-se, também, a seção "Medicina e Humanidades", com entrevista realizada com o Dr. Gilberto Schwartsmann às vésperas do último XXIX Congresso Brasileiro e IX Congresso Pan-Americano de História da Medicina, e a seção "Contribuições", com texto do Dr. Pedro Fonseca, membro da Sociedade.

Esperamos que desfrutem da leitura.

João Victor Lima Aiello
Editor do JBHM





MENSAGEM DO PRESIDENTE DA SBHM

Colegas, estudantes e confrades, saudações!

É com grande satisfação que reiniciamos as edições do nosso Jornal Brasileiro de História da Medicina (JBHM).

Apresentado numa estrutura mais simples, mais ágil, terá seções mais ou menos específicas, dependendo do material disponível para publicar. Por isso, pedimos que nos enviem informações sobre eventos, textos, fotos, e qualquer outro material, especificamente sobre História da Medicina, que possam integrar o nosso JBHM.

Aliás, pedimos aos leitores que nos municiem com esses materiais, para que possamos colocar o JBHM à disposição e com regularidade. Nesse aspecto, apresento os agradecimentos da SBHM a todos que puderem colaborar conosco.

E, como nenhuma estrutura funciona sozinha, mas sempre graças a um grupo obstinado de pessoas, registramos nosso reconhecimento àqueles que nos ajudam a coordenar e movimentar a SBHM:

- ao estudante de Medicina do UNIFESO, João Victor Lima Aiello, também escritor, músico e ensaísta, que, com dedicação impecável, assumiu a tarefa de editor do JBHM;

- à diretoria da SBHM, neste biênio de 2026-2027, formada pelos colegas: Lybio Martire Júnior (SP), Vice-presidente; Giovanni Roncali Caixeta Ribeiro (MG), Secretário Geral; Jorge Abib Cury (RS), 1º Secretário; Luiz Ayrton Santos Junior (PI), Tesoureiro; Antonio Braga Neto (RJ), Bibliotecário; Francisco Cavalcante (PI), Representante das Regiões Norte e Nordeste; Elaine Alves e Paulo Tubino (DF), Representantes da Região Centro-Oeste e DF; Nadir Valverde Barbato de Prates (SP), Representante da Região Sudeste e Maria Helena Itaquí Lopes (RS), Representante da Região Sul.

- à secretária do Grupo de História da Medicina (GHM) e da Coordenação de História e Memória Institucional, Vanessa Bulhões Rodrigues Rabello, que me dá suporte em todas as atividades que promovemos;

- aos estudantes de Medicina do UNIFESO que compõem o Departamento Acadêmico da SBHM, a Comissão Organizadora do GHM e do XXX Congresso Brasileiro de História da Medicina e XIV Jornada do Grupo de História da Medicina, que, com disposição irrepreensível, estão absolutamente inseridos na estruturação e funcionamento desses eventos: Amanda Matias Bezerra; Ana Carolina Vidal C. dos Santos; Bruna Wenderrosck Pinto de Azevedo; Catarina Baptista Duarte; Daniel Mendes Gois Dantas; Diogo Pereira Vidal de Oliveira; Eduardo Gonçalves Miranda Filho; Filipe Soares P. de Medeiros; Helena Medeiros L. Ribeiro; Laura Letícia Ferreira Cappelletti Antunes e Vitória de Oliveira Faria.

- às doutoras, egressas do Curso de Medicina do UNIFESO, que desde o 1º período até hoje, já formadas, continuam comparecendo, prestigiando e apoiando o GHM: Dra. Gabriela Cascardo C. Azeredo; Dra. Ligia Aurelio Vieira Pianta Tavares. E ao Prof. Dr. Luciano Grohs, presidente da Associação Gaúcha de História da Medicina que, gentilmente, colocou-se à disposição do nosso congresso e da SBHM.

A citação desses nomes nos remete ao trabalho colaborativo, eficiente, altruísta e empático que nos permite realizar o que a presidência planejou para o presente biênio, bem como ao agradável convívio vivido por aqueles que participam dos nossos encontros. Muito obrigado e abraços a todos!

Daniel Pinheiro Hernandez

Presidente da SBHM, biênios 2024-2025 e 2026-2027

Fundador e Coordenador do Grupo de História da Medicina (GHM) UNIFESO

Coordenador de História e Memória Institucional - UNIFESO



MEDICINA E HUMANIDADES

Entrevista com o Prof. Dr. Gilberto Schwartsmann



Gilberto Schwartsmann é Professor Titular da Faculdade de Medicina da UFRGS, Professor Emérito da Escola Latino-Americana de Oncologia, Membro Titular da Academia Nacional de Medicina e Membro e ex presidente da Academia Sul- Riograndense de Medicina. É Membro Honorário da Real Academia de Medicina da Espanha. Atualmente, é presidente da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA). É bibliófilo, dramaturgo e possui mais de dez livros publicados.

A entrevista foi conduzida pelo acadêmico de medicina do UNIFESO, membro do Departamento Acadêmico da Sociedade Brasileira de História da Medicina e escritor João Victor Lima Aiello, no dia oito de novembro de dois mil e vinte e cinco, às vésperas do Congresso Brasileiro e Pan Americano de História da Medicina, no qual o entrevistado palestrou remotamente



AIELLO: Dr. Gilberto, por que medicina? Por que a escolha de medicina como vida?

DR. SCHWARTSMANN: Olha, eu ainda não sei o que eu quero ser. Estou com setenta anos e não sei. Acho que vou morrer sem saber o que eu quero ser — e isso não tem a menor importância, porque o que vale mesmo é a gente fazer as coisas com paixão. Eu lembro que, quando era adolescente, sempre me imaginei escritor, escrevendo peças teatrais. Eu escrevia para a escola. Na faculdade de medicina, também escrevia textos, e as pessoas faziam pequenas montagens. Nunca tive a certeza de que tivesse uma vocação única, algo próprio do ser. Acho que há tantas coisas lindas no mundo para desfrutar... e, quando a gente se aprofunda, tem mais chance de encontrar beleza nelas. Fiz medicina porque, como a grande maioria dos jovens naquela idade em que precisamos decidir, eu não tinha a menor ideia se aquela escolha realmente representava algo correto ou não — e isso nem importa. Acho que devemos fazer as coisas que nos deixam felizes. As pessoas precisam ser felizes. Porque a vida... claro, quem é religioso imagina que haverá outra vida, mas, enquanto isso, precisamos viver o presente. Já vi muita gente mudar de ideia no meio da faculdade, fazer uma segunda graduação depois; então, o que importa é se encontrar. Fiz medicina porque tenho um irmão mais velho, uma irmã do meio, e eu sou o caçula. Meu irmão mais velho, Carlos, tem setenta e cinco anos; sendo cinco anos mais velho, me influenciou muito. Minha irmã, Margareth, três anos mais velha, era professora de literatura. Minha mãe e minha avó eram apaixonadas por livros. Herdei, sobretudo deles, essa paixão pelas artes e pela literatura. Quando meu irmão chegava em casa, contava aquelas histórias dos plantões, do pronto-socorro, das coisas que fazia ajudando as pessoas — e aquela dimensão vocacional de cuidar do próximo. Porque isso, ainda que possa parecer piegas, não é. É algo presente até nas virtudes teológicas que a Igreja Católica preconiza há séculos: fé, esperança e caridade. Essa ideia de usar a medicina para ajudar o outro, especialmente quem mais precisa, me fascinou. Então, escolhi a medicina, mas com um lado meu ainda triste, querendo talvez fazer letras, teatro ou música — sempre gostei, sempre toquei piano. Essa ambivalência faz parte do ser humano.



Aos jovens que me leem: não tenham medo nem sofrimento por essa indecisão. Graças a Deus, temos tempo para mudar de ideia. A vida não é um pacto definitivo; precisamos fazer o que o coração manda.

Lembro que, quando me formei... olha que história interessante. Está até em um livro que escrevi — acho que se chama *O Bilhetinho*. Formei-me em medicina e fiz a prova de residência, que era a mais disputada aqui no Sul: clínica médica no Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Classifiquei-me muito bem, como bom estudante que era, lá em cima na lista. Eu estava fazendo estágio na Santa Casa, outro hospital importante de Porto Alegre. Um dia, estava na frente do hospital, tomando um cafezinho, de jaleco, quando entrou um professor de quem eu gostava muito, o professor Oly Lobato, um grande modelo para mim, uma pessoa extremamente sensível. Ele passou por mim, eu estava encostado no balcão, e disse: “Puxa, Gilberto, vi a lista do Hospital de Clínicas. Que show, hein?” Respondi qualquer coisa, não lembro o quê. Ele entrou, conversou com outro professor e, ao sair, voltou até mim e disse: “Gilberto, deixei o seu café pago. Meu presente pelo seu sucesso lá no Clínicas é esse aqui.” Pegou um papelzinho e colocou no bolso do meu jaleco. Fiquei tremendo. Ele saiu. Terminei o café rapidamente, atravessei a rua — há uma praça chamada Dom Feliciano, em frente à Santa Casa —, sentei e abri o papelzinho. Havia um telefone, sem nome. Não sei por quê — ou talvez saiba —, fui a um telefone público, o famoso orelhão, e liguei. Atendeu uma voz bonita, bem impostada: “Doutor Rogério Aguiar. Pois não?” Eu disse: “Doutor Rogério, o professor Oly me encontrou e colocou esse papel no meu bolso com seu telefone.” Ele respondeu: “Você pode vir aqui na terça-feira, às quatro?” Eu disse: “Posso, claro.” E fui. Ele era psiquiatra. Isso foi em 1979, quase cinco décadas atrás. O professor Oly, como grande ser humano e clínico, fez um diagnóstico imediato: havia felicidade pela conquista, mas também uma tristeza, que ele percebeu. Passei um ano inteiro me consultando com esse psiquiatra, duas vezes por semana, discutindo como lidar com a sensação de escolher a medicina e deixar de lado a literatura, a música, as artes.



E esse psiquiatra me mostrou algo muito bonito: eu podia fazer tudo o que quisesse. E foi assim. Continuei escrevendo, tocando, me envolvendo com cultura e, ao mesmo tempo, segui uma carreira médica que adorei. Então, deixo uma lição para os mais jovens: peçam ajuda. Se é algo que não conseguimos resolver conversando com a família ou com amigos, busquem apoio. Hoje, o sofrimento não precisa ser solitário. Há caminhos para sermos ajudados. Lembro como me senti fortalecido — é essencial poder falar sobre nossas questões mais íntimas e profundas. Às vezes, não conseguimos resolver tudo sozinhos. Eu precisei que alguém me ajudasse a entender que não precisava tomar decisões definitivas e que o cérebro e o coração humanos têm capacidade para acolher muitas coisas ao mesmo tempo. Somos, de certa forma, um computador maravilhoso. E, afinal, a medicina também é uma arte — há uma ligação profunda entre esses mundos.

AIELLO: É possível definir quando ou como a literatura entra em sua vida de maneira visceral? O momento em que o senhor percebe que ela seguiria presente por muito tempo, como de fato seguiu?

SCHWARTSMANN: Olha, eu, desde muito pequeno, lembro da minha mãe e do meu pai... Ah, que sorte eu tive! Era um casal maravilhoso. Nos aniversários, lá em casa, chegava o momento em que o meu irmão, que já era mais altinho, ajudava o meu pai a estender três ou quatro lençóis, criando um palco. E, nesse palco, nós nos apresentávamos, porque cada um tocava um instrumento. Minha irmã tocava piano, meu irmão tocava violão, e me colocaram para tocar acordeon. Depois, minha irmã desistiu do piano, e eu fiquei com ele. Então, cada um fazia um pequeno show. Eu tocava uma ou duas músicas. Alguns primos declamavam. E minha mãe tinha uma sabedoria incrível: aqueles primos que não sabiam tocar nem declamar, ela sempre colocava para dizer uma ou duas falas em uma pequena peça teatral. Assim, todo mundo tinha o seu minuto de glória naquelas noites — e era muito bonito.



Minha mãe e meu pai sempre tiveram muitos livros em casa. Lembro que, certa vez, fui à casa de um colega estudar, e ele tinha a enciclopédia Mirador, que era belíssima. Cheguei em casa e disse ao meu pai que esse meu amigo tinha aquela enciclopédia maravilhosa. Sabe que não levou uma semana? Um dia, na hora do almoço, ele chega com uma caixa de papelão e diz: “Olha o que eu trouxe!”. Eu comecei a tremer: era a Mirador. Então, minha casa sempre foi cheia de livros. Minha irmã, Margareth, lia para mim as obras do Monteiro Lobato. Sabe o que ela lia também? As fábulas de Esopo. Eu fui, de fato, forjado no livro. Quando eu tinha uns doze, treze anos, aconteceu algo que considero definitivo. Uma professora minha, chamada Giselda — e é curioso, porque a dona Giselda aparece nos meus livros sem que eu planeje; quando vejo, ela está lá, independentemente da minha vontade — chegou para mim ao final de uma aula e disse: “Gilberto, vem cá. Notei que tu gostas muito de ler, não é?”. Eu disse: “Gosto. Minha família também gosta!”. Ela respondeu: “Olha, há uma obra que a gente precisa enfrentar quando jovem, porque depois fica muito difícil: chama-se Divina Comédia”. Eu disse: “Divina Comédia? Que nome bonito”. E ela continuou: “Vai à Livraria do Globo, na Rua da Praia, no centro de Porto Alegre, e compra essa edição, porque ela traz o texto do Dante em italiano de um lado e a tradução em português do outro”. E acrescentou algo que nunca esqueci: “Lê primeiro em italiano e depois vê a tradução, porque poesia é música”. Poesia é a música das palavras — antes de ser entendida pela razão, ela toca o coração. Fui lá. Cheguei à Livraria do Globo, e uma moça — lembro bem, muito bonita, mais velha que eu — me atendeu. Ela perguntou: “Que interessante... por que você está comprando esse livro?”. Eu disse: “Minha professora me recomendou ler a Divina Comédia”. Então ela respondeu: “Se quiser começar uma coleção, meu pai tem um sebo no final da Rua da Praia. Dá uma passada lá pelas seis da tarde — eu posso te vender quatro ou cinco edições da Divina Comédia pelo preço desta que você está levando agora”. Foi assim que comecei minha coleção, com seis edições. Eu tinha treze anos. Hoje, tenho quase trezentas edições da Divina Comédia.



AIELLO: Inclusive, isso já dá um gancho para a próxima pergunta: dividindo em infância, adolescência e vida adulta, quais três autores ou três livros definem essas fases da sua vida?

SCHARTSMANN: Acho que o começo é Monteiro Lobato, quando eu era criancinha. Monteiro Lobato era maravilhoso. Meu Deus! Outra coisa que eu comentei, dias atrás, em uma entrevista na Biblioteca Pública — da qual fui diretor no passado —, e que fez todo mundo rir, mas é a pura verdade, é que, no início da adolescência, eu adorava enciclopédias. Eu gostava muito das ilustrações de Jean-Baptiste Debret e de outros grandes ilustradores, porque apareciam aquelas índias lindas, nuas, aquelas mulheres negras também desnudas. E, de certa forma, minha iniciação sexual passou por ali. Eu adorava observar o corpo feminino naquelas enciclopédias. Lembro que meu pai dizia que eu ficava sempre na mesma página — ele brincava comigo. Então, comecei com Monteiro Lobato. Na adolescência, li muita coisa. Um autor pelo qual fiquei fascinado foi Robert Louis Stevenson. Meu Deus, O Médico e o Monstro! Meu Deus, A Ilha do Tesouro! Tenho a coleção completa dele até hoje. Também li Rudyard Kipling; adorava aquelas aventuras na selva. Logo comecei a me interessar também pela literatura brasileira. A escola foi muito importante nesse estímulo. Fazíamos aquelas fichas de leitura. Li muito: Machado de Assis, claro; Jorge Amado, bastante; Érico Veríssimo. Lembro que ficava especialmente envolvido com Olhai os Lírios do Campo, que traz uma reflexão importante até para estudantes de medicina: a história de um jovem médico dividido entre um ideal mais humanista, representado por Olívia, e uma escolha mais pragmática, ao se casar com Eunice. Eu torcia para que houvesse uma reviravolta. Ou seja, ao mesmo tempo em que lia, eu tomava partido. Sempre me encantou essa capacidade da literatura de expandir a nossa realidade. O autor escreve um livro, e cada leitor, ao abrir aquelas páginas, recria a obra conforme sua própria imaginação. Eu li muito. Na vida adulta, li o que pude. Tenho até um “defeito de fábrica”: não leio muita coisa recente. Se me perguntarem sobre autores contemporâneos, muitas vezes não sei opinar — não li, não posso fingir. Em compensação, faço releituras fascinantes de obras que já li.



Tenho uma coleção maravilhosa de obras raras e primeiras edições. Moro em um apartamento amplo — sempre foi uma casa cheia, com filhos, netos, sobrinhos. Hoje, estão apenas eu, minha esposa Leonor e os livros. E não tenho como me mudar, porque não há para onde levar tantos livros. Devemos ter sete grandes ambientes dedicados a eles — algo próximo de dez mil volumes, somando minha coleção e a da Leonor. Tenho feito muitas releituras, o que adoro. Possuo edições preciosas da literatura francesa, espanhola — e da russa, então, nem se fala. Recentemente, pediram que eu organizasse uma exposição só com autores russos. Tenho verdadeiras preciosidades: Alexander Pushkin, Nikolai Gogol, Ivan Turgenev, depois Leo Tolstoi e Fyodor Dostoevsky. É uma literatura muito profunda. Os russos, por razões históricas e culturais, viveram a servidão até meados do século XIX. Havia uma população mantida em certa ignorância, mas sustentada pela ideia de fé, de que Deus guiaria seus destinos. Isso aparece na literatura: o questionamento sobre Deus está sempre presente. Para mim, essa é a questão central. Se formos resumir: Deus existe ou não? Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou? São as grandes questões da filosofia, junto com a morte. A literatura nos ajuda a trabalhar esses sentimentos mais profundos. Desde que o homem surgiu, essa capacidade de comunicação é fascinante. Abrir um livro do século XVIII, ler um parágrafo e entender exatamente o que o autor quis dizer — isso é extraordinário. A literatura permite que a emoção seja preservada. Se for boa literatura, ela permanece viva por séculos, desde que trate de temas universais: amor, ciúme, dor, saudade.



AIELLO: Teve algum livro, durante a graduação em medicina, que te marcou?

SCHARTSMANN: Vários. *Olhai os Lírios do Campo*, de Érico Veríssimo, é um deles. Mas eu vou abrir um parêntese importante. Quem não lê muito não está fora do jogo, não é o fim do mundo. Minha sugestão é sempre a mesma: comece pequeno. Se a gente tem dificuldade, não enfrenta um monstro de saída. Não escolhe um urso logo de cara — escolhe um ratinho. Começa com um texto curto, um conto, um ensaio. Vai pegando gosto, depois naturalmente chega num texto mais longo.

Um livro que gosto muito, do Mikhail Bulgakov, é *Anotações de um jovem médico*. É maravilhoso. Ele escreveu também *O Mestre e a Margarida*, que é uma obra-prima, e foi censurado na época da União Soviética, circulando muito fora da Rússia. No *Anotações de um jovem médico*, há histórias muito próximas do nosso cotidiano. Ele chega a um hospital no interior, muito jovem, sozinho, com os livros de medicina como única companhia. E ali aparecem situações que são universais: uma mãe com um filho doente, o enfrentamento do sofrimento do outro. Isso não muda de país para país. É a mesma essência humana. Outro livro que sempre recomendo, também curto, é de Leo Tolstói: *A Morte de Ivan Ilitch*. É uma obra impressionante. Tolstói, que era um conde, aristocrata, no final da vida se torna quase um pensador espiritual, muito voltado à reflexão ética.

O livro começa com o enterro do Ivan Ilitch, um juiz. E já no velório, enquanto os colegas lamentam a morte, conversam sobre quem vai ocupar o cargo. Isso é muito forte, porque mostra a banalidade que atravessa até os momentos mais solenes da vida. E, ao longo da narrativa, vemos o protagonista em sofrimento, com uma doença progressiva, e também um retrato muito cru das relações humanas — muitas vezes superficiais, baseadas em conveniência, aparência, status. E, ao mesmo tempo, surge um contraste: a presença de um jovem que cuida dele, com uma forma de humanidade simples, direta, sem interesse. É um livro que ensina muito ao estudante de medicina e ao médico, porque mostra não só a doença, mas o humano diante da doença — com suas dores físicas, emocionais e existenciais.



Essas duas obras, tanto Bulgakov quanto Tolstói, têm algo precioso: são acessíveis, curtas e profundamente emocionantes. E isso é importante, porque a literatura exige um gesto que hoje é raro — parar. Não dá para ler dez coisas ao mesmo tempo. Quando a gente lê, escolhe um momento de introspecção, de conversa consigo mesmo.

A leitura é isso: sentar, abrir o livro e entrar em diálogo com alguém que talvez esteja morto há séculos, mas continua vivo naquelas palavras.

E já que você mencionou, há outra obra que me vem imediatamente à cabeça: *Thomas Mann, A Montanha Mágica*. Tenho uma primeira edição aqui em casa. É uma história fascinante de um jovem que vai visitar um primo num sanatório em Davos, na Suíça, antes da Primeira Guerra Mundial. Ele chega para uma visita breve e acaba ficando muito mais tempo do que imaginava, imerso naquele universo da tuberculose, do tempo suspenso, da doença e da reflexão sobre a vida.

São livros que, de alguma forma, ajudam a gente a olhar para o ser humano com mais profundidade — e isso, para a medicina, é fundamental.

AIELLO: Voltando à esfera da medicina... O senhor se especializou em Oncologia no exterior. Quais foram as lições que o senhor tirou da Oncologia nesses mais de 40 anos de profissão? Porque a Oncologia é uma área em que a gente lida com temores, dúvidas, é uma linha muito tênue entre esperança e descrença.

SCHARTSMANN: Olha, eu me apaixonei pela oncologia durante a faculdade por uma razão muito simples. Eu sempre gostei de bioquímica, genética e farmacologia. Sempre gostei muito de estudar essas disciplinas, e eu acompanhei, em tempo real, uma verdadeira transformação. Eu me lembro que fiquei fascinado quando vi artigos sobre leucemias em crianças, que, historicamente, sabíamos que quase todas morriam. Chegava uma mãe com uma criancinha, na década de 70, no Hospital de Clínicas, por exemplo, e aquela criança tinha uma chance altíssima de estar morta em dois anos. Não havia bons tratamentos.



E, de repente, surgem combinações de remédios que mudam completamente a curabilidade e a história natural da doença. Passam de incuráveis para altamente curáveis. Isso aconteceu, ao mesmo tempo, com a doença de Hodgkin, com alguns linfomas não-Hodgkin, um pouco depois com o câncer de testículo, com os tumores germinativos, com o coriocarcinoma.

Então eu fiquei fascinado com aquela possibilidade de um coquetel de medicamentos que seguia, basicamente, a regra mais elementar da terapêutica: quando você tem doenças que não são curadas com um único remédio, tente identificar os fatores de resistência daquela doença e combinar tratamentos com mecanismos de ação distintos e padrões de toxicidade distintos, o que facilita a tolerância do paciente. Imagina fazer um tratamento com três drogas, sendo que todas são tóxicas para a medula óssea? A pessoa faz uma aplasia de medula, entende? Então, essas combinações que surgiram para oferecer curabilidade na década de 80 e depois nos anos 90, na Oncologia, foram resultado não da mais sofisticada biologia molecular, mas do mais alto bom senso e disciplina dos conceitos farmacológicos e terapêuticos.

Tudo isso foi importado do tratamento de infecções, da antibioticoterapia. Por exemplo, se você olhar a história do tratamento da tuberculose, raramente se obtinha sucesso com monoterapia; havia resistência do bacilo. Então a gente encontra uma contrapartida. Ou seja, nada disso aconteceu apenas por puro empirismo. Aconteceu pelo melhor uso da ciência daquela época. Então eu fiquei fascinado com isso.

E aí eu ganhei uma bolsa logo que terminei a residência de Medicina Interna. Já no terceiro ano da residência, eu pedi para ficar na hematologia, aguardando o resultado da bolsa, por causa das leucemias e dos linfomas, que eram a área de maior avanço. E eu fiquei encantado, porque começamos a nos preocupar com esquemas que eram tão curativos quanto os anteriores, mas menos tóxicos para as gônadas e para o crescimento. Porque, como eram crianças e adolescentes, surgiu a questão: “tá, ficam bons... e depois, como ficam? Com sequelas?”



Então começamos a pensar em esquemas que produziam menos teratogenicidade, menos risco de tumores secundários, menos esterilidade, menos problemas de crescimento e assim por diante. Foi um momento fascinante.

E aí consegui uma bolsa pelo British Council. Fui para Londres — foram anos maravilhosos. E tudo se concatenou. Vou dar um conselho para os mais jovens: certa vez disseram ao Albert Einstein: “puxa, que sorte a sua ter chegado às conclusões que chegou”. Ele deu um sorriso, engoliu seco e respondeu: “a única coisa que posso dizer é que, nesse período em que tive sorte, eu trabalhava feito um doido”.

Então, a sorte ajuda quem está trabalhando.

Vou contar uma história da Inglaterra. Cheguei em Londres e, ao contrário do que imaginava — entrar direto numa enfermaria de Oncologia, que era o combinado — me colocaram em um laboratório de pesquisa básica, lidando com células. Eu não conseguia fazer alguns experimentos de jeito nenhum e comecei a sofrer com aquilo. Então cheguei para a Leonor e disse: “Leonor, vou passar todo o sábado de manhã no laboratório. Já combinei com o porteiro, ele vai me abrir. E enquanto eu não resolver isso, eu não volto.”

Cheguei lá por volta da uma da tarde e nada. Repetia os experimentos, lia protocolos, e não funcionava. Liguei para o alojamento da universidade e falei com a Leonor, num telefone no corredor: “posso ficar mais algumas horas?”. Ela respondeu: “fica tranquilo, estou em casa”. Fiquei até o fim da tarde, e nada. Por volta das oito da noite, fui até a portaria do Middlesex Hospital, no centro de Londres, e perguntei ao porteiro se poderia continuar. Ele disse: “pode, acende a luz no cantinho, fica aí”.

Liguei para a Leonor: “posso ficar mais um pouco?”. Ela disse: “fica, mas depois não volta muito tarde, porque pode não ter ônibus”.

Fiquei trabalhando sozinho, com uma luz pequena, num laboratório enorme, na capela de fluxo, pipetando com as mãos dentro das luvas, e nada funcionava.



Por volta das oito horas, escutei um barulho na porta do laboratório. Era uma sala enorme, cheia de nichos. Levei um susto e ouvi vozes.

Entrou a chefe do serviço, a professora Yvonne Wiltshaw. Ela foi pioneira no tratamento do câncer de ovário, a primeira a usar cisplatina, droga usada até hoje na Europa. Há quase um monumento a ela na Universidade de Londres e no Royal Marsden, um grande hospital oncológico.

Ela entrou com um grupo de japoneses — uma delegação, pelo que entendi — e acendeu todas as luzes para mostrar o laboratório. Quando me viu, disse aos japoneses: “agora vocês entendem por que meu laboratório é famoso: meus pesquisadores trabalham até de madrugada, inclusive no fim de semana”. E os japoneses começaram a rir. Na segunda-feira, quando cheguei ao hospital, eu dividia sala com um grego, Nicholas Pavlidis, hoje professor titular na Grécia. Ele me disse: “Gilberto, tenho um recado: é para você ir à sala da chefe”.

Eu fiquei pensando: “meu Deus, será que vou levar bronca por ter trabalhado no fim de semana?”.

Entrei na sala dela e recebi um abraço. Ela disse: “que bonito ver alguém trabalhando naquele horário; os japoneses ficaram encantados com o laboratório e contigo”.

E me perguntou meu objetivo no mestrado. Eu disse: “quero trabalhar com desenvolvimento de novas drogas”.

A partir daí, ela começou a me apoiar intensamente. Me chamou para escrever artigos, me incluiu em projetos de novas drogas, e comecei a publicar cedo em boas revistas.

Um dia ela me perguntou o que eu queria fazer depois. Eu disse que meu sonho era fazer um PhD em novas drogas. Quase dois anos depois, ela me disse: “Gilberto, vai haver um curso na Itália, num castelo, da Escola Europeia de Oncologia. Acho que estará lá o professor Herbert Piñedo, de Amsterdã, que coordena a área de novas drogas do grupo europeu. Você quer ir?”

Claro que aceitei. Ela me deu passagem, estadia e inscrição. Como eu estava estudando para o exame de médico na Inglaterra, eu estudava todas as noites. No último dia houve uma prova, e eu tirei a melhor nota.



O professor Piñedo disse: “você é brasileiro, tirou a melhor nota, passou por toda a turma. O que você vai fazer depois da Inglaterra?”.

Eu disse: “quero trabalhar em Amsterdã com o senhor, com novas drogas”.

Ele me pediu para enviar um fax. Enviei e consegui a bolsa para Amsterdã. Minha vida deslanchou.

Lá fiz meu PhD em metodologia de desenvolvimento de novas drogas, baseado em moléculas novas. Por exemplo, a ET-743, usada em sarcomas, e a decitabina, relacionada à citarabina, que participei de projetos de desenvolvimento.

Foi muito importante para mim.

Quando estava defendendo minha tese, o professor Piñedo me disse: “Gilberto, vou te contar: a rainha da Holanda me convidou para realizar meu sonho: coordenar todos os centros de câncer do país”.

Ele disse que teria que abrir mão do cargo de diretor do programa de novas drogas e que haveria concurso.

Eu nunca imaginei que poderia ser candidato. Ele disse: “você tem que fazer esse concurso, tem chance de ganhar”.

E eu fiz a prova e passei em primeiro lugar. Foi uma experiência belíssima. O candidato entrava em um salão com um semicírculo de poltronas e 12 professores, representando os principais países do grupo europeu. A URTC era uma ONG financiada por vários países para pesquisa em câncer.

Havia grupos de sarcoma, pulmão, mama, melanoma e também de novas drogas, fase 1 e fase 2.

Nunca me esqueço: um professor da Inglaterra, Ken Harrap, que desenvolveu o carboplatino, me disse sorrindo: “então você quer ser o chefe aqui? Você é corajoso”.

E me fez uma pergunta sobre alocação de recursos em pesquisa, avaliando prioridade de projetos. Era uma forma de testar a capacidade de leitura crítica da literatura e decisão científica.

Nunca me esqueci disso. Era uma síntese do raciocínio científico: saber onde apostar.



Acabei assumindo o cargo, o que mudou minha vida. Passei a integrar o board europeu, conheci pessoas brilhantes, e passei a observar como tomavam decisões científicas.

Tive cadeira no board inglês da Cancer Research Campaign e também ligação com o Instituto do Câncer dos Estados Unidos.

Depois fiz pós-doutorado em Bethesda, no National Cancer Institute.

Naquele período, discutíamos como acelerar aprovação de drogas entre países, evitando duplicação desnecessária de estudos quando populações eram farmacologicamente semelhantes.

Por outro lado, quando havia diferenças genéticas importantes, como entre populações asiáticas e não asiáticas, ajustávamos os estudos.

Isso acelerava a chegada de medicamentos em anos.

Trabalhei com quatro prêmios Nobel. E todos tinham algo em comum: objetividade. Se você quer fazer ciência, precisa fazer perguntas bem formuladas, que gerem respostas úteis. Não fazer muitas perguntas ao mesmo tempo, para não poluir o raciocínio.

Cada resposta deve gerar a próxima pergunta.

Trabalhei com Andrew Schally, inclusive com publicação conjunta. Ele explicou como o cérebro se comunica com o sistema endócrino — os hormônios hipotalâmicos. Ele foi o pai dessa área. Foi uma experiência fantástica.

AIELLO: Dr. Gilberto, muito obrigado pela conversa! Agradeço em nome da Sociedade Brasileira da História da Medicina e do presidente Dr. Daniel Pinheiro Hernandez.

SCHWARTSMANN: Olha, foi um prazer enorme. Um abraço!



CONTRIBUIÇÕES



Crédito: Eduardo Tropa

Pedro Henrique Miranda Fonseca é médico, pesquisador e escritor, com especial interesse pela história do Rio de Janeiro e pela cultura brasileira do século XIX. Nascido em Cururupu, no Maranhão, formou-se em Medicina pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e construiu sua carreira profissional no Rio de Janeiro, onde atua como clínico no serviço público estadual.

Membro fundador da Sociedade Brasileira de História da Medicina, dedica-se há anos ao estudo da história oitocentista da capital fluminense. Dessa pesquisa resultaram obras como *Rio de Janeiro século XIX: algumas chegadas e Recortes: colaborações para a imprensa*, nas quais reúne reflexões sobre a memória, a cultura e a formação histórica da cidade.

Fonte: Cajuína Editora



OS ESCRITORES SEGUNDO FREUD

Por Dr. Pedro Fonseca

Freud que era, antes de tudo, um escritor, sendo a alma humana o seu assunto, analisou os homens de letras, numa conferência realizada em 6 de dezembro de 1907, posteriormente publicada na revista *Neue Revue* de março de 1908. Neste estudo ele afirma que os escritores criativos costumam tornar mínima a distância entre eles e o homem comum sendo, no fundo, todos poetas. Ele se pergunta: “Será que deveríamos procurar já na infância os primeiros traços de atividade imaginativa?” E continua “Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda a criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos do seu mundo de uma forma que lhe agrade?” E em resposta a esses questionamentos conclui que “A antítese de brincar não é o que é sério, mas o que é real.” E os escritores criativos nada mais fazem do que as crianças quando brincam, isto é, criam um mundo de fantasias que é levado muito a sério, onde investem uma carga grande de emoção, mantendo uma separação entre a ficção e a realidade. Essas fantasias, do ponto de vista freudiano, são os desejos insatisfeitos que se realizam através da literatura corrigindo uma realidade insatisfatória. Quanto aos insights Freud formula a seguinte hipótese: “Uma poderosa experiência no presente desperta no escritor criativo uma lembrança de uma experiência anterior (geralmente da sua infância), da qual se origina então um desejo que encontra realização na obra criativa. A própria obra revela elementos da ocasião motivadora do presente e da lembrança antiga.” Exemplo clássico disto é a “*Madeleine de Proust*”, pois ele ao provar esse doce, foi invadido por uma necessidade imperiosa de buscar o tempo que ele chamou de perdido, mas que era, acima de tudo, as suas lembranças, reminiscências e memórias de tudo o que ele viu e viveu, resultando numa obra gigantesca e clássica da literatura universal. Além da questão dos insights resultantes das lembranças infantis, Freud também ressalta uma certa independência do escritor ao escolher um material pré-existente e conhecido, reformulando-o. Este material que não é novo vem do tesouro popular dos contos de fadas, mitos e lendas, vestígios, segundo ele, distorcidos de fantasias de nações inteiras, “os sonhos seculares da humanidade jovem.”



Para o pai da psicanálise “O escritor suaviza o caráter dos seus devaneios egoístas por meio de alterações e disfarces, e nos suborna com o prazer puramente formal, isto é, estético, que nos oferece na apresentação de suas fantasias... a verdadeira satisfação de uma obra literária procede de uma liberação de tensões em nossas mentes, talvez até grande parte deste efeito seja devido à possibilidade que o escritor nos oferece de, dali em diante, nos deleitarmos com nossos próprios devaneios sem autoacusações ou vergonha.” Para Freud tudo começa na infância (na verdade a infância é tudo) e muito do que ele diz sobre os escritores, na verdade representa, penso eu, uma autoanálise, pois, no fundo, ele estava falando de si mesmo e ao confessar sua grande admiração por alguns escritores e poetas, estava falando dos seus pares. Não à toa, ficou muito feliz e honrado quando recebeu o prêmio Goethe, que é um prêmio literário. Com certeza ele se considerava mais um homem de letras do que cientista, e confessa isso numa entrevista a Giovanni Papini em 1934: “... eu pude cumprir meu destino por uma via indireta e realizar meu sonho: permanecer um homem de letras, sob a aparência de um médico.” E confessa que estão presentes na sua obra científica as três grandes Escolas literárias do século XIX representadas por Heine, Zola e Mallarmé, com o patrocínio do seu velho mestre Goethe. De qualquer modo, a sua prosa é de um grande escritor.

FONTES:

- FREUD, Sigmund – Escritores criativos e devaneios. In: Obras completas, volume IX, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda, 1976, páginas 149 – 158.
- GOES, Clara de – O decifrador de almas: O contador de contos, inventor da escrita do inconsciente. O Globo, Caderno Prosa e Verso, Rio de Janeiro, sábado, 18 de setembro de 1999, página 4.

XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA MEDICINA
XIV JORNADA DO GRUPO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DO UNIFESO



CONVITE

Participe desses eventos, que celebrarão a história da arte médica, e serão realizados nos dias 4, 5 e 6 de novembro de 2026, no *campus* sede do Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO).

Campus Antônio Paulo Capanema de Souza (sede)
Av. Alberto Torres, 111, Alto - Teresópolis/RJ

Mais informações serão divulgadas oportunamente,
pelo site e instagram:

<https://www.sbhmhistoriadamedicina.com>
@historiadamedicina_sbhm



Sociedade Brasileira de História da Medicina

Jornal Brasileiro de História da Medicina

ISSN 1516-0386

2026/1



4, 5 e 6 de novembro de 2026

2026 - Número 23

Contribuições ao JBHM (textos, fotos, informes...) serão aceitos, desde que, digam respeito, **especificamente**, à História da Medicina.

Deverão ser enviados para o e-mail **danielhernandez@unifeso.edu.br**, indicando, no assunto, “material para o JBHM”.